

EMBARGO ATÉ DIA 7 DE DEZEMBRO ÀS 9H00

Aumento da queima de biomassa para produção de energia ameaça milhares de empregos em Portugal

Viana do Castelo, 7 de dezembro – Em Portugal, a floresta já não produz matéria-prima suficiente para abastecer as necessidades de todas as empresas existentes instaladas: as indústrias e PME de base florestal tradicionais, as produtoras de ‘pellets’ e as consumidoras de biomassa para fins energéticos. Uma possível reconversão da Central Termoelétrica do Pego de carvão para biomassa vai aumentar este desequilíbrio de forma muito significativa, alerta o Centro PINUS, uma associação sem fins lucrativos que reúne os principais agentes da Fileira do Pinho.

“Existe hoje um elevado défice da oferta de madeira e de biomassa florestal residual. Este contexto deve-se, sobretudo, ao declínio dos recursos florestais, mais evidente para o pinheiro-bravo, espécie em que o volume em crescimento registou um decréscimo de 37% entre 2005 e 2019. Esta situação estrutural da nossa floresta foi agravada por opções de política energética que introduziram incentivos à produção de eletricidade a partir de biomassa que causaram distorções no mercado. Adicionalmente, a falta de regulamentação prevista e a inadequação da existente permite que alguns operadores queimem madeira e não biomassa florestal residual”, afirma João Gonçalves, presidente do Centro PINUS.

Assim, explica o responsável, um aumento relevante da produção de energia através da queima, alegadamente, de biomassa florestal residual – como é possível que aconteça com a reconversão de carvão para biomassa da Central Termoelétrica do Pego – irá colocar em risco milhares de empregos criados por este setor da economia, que representa mais de 3% do total das exportações de bens.

Estima-se que o défice estrutural de madeira de pinho represente já 57% do consumo industrial anual, com tendência a aumentar de forma significativa nos próximos anos e impactar a atividade das indústrias da fileira de pinho.

Consumo insustentável

O consumo atual de biomassa para energia em Portugal, estima o Centro PINUS, é “insustentável” e consumir madeira para produzir energia “não faz qualquer sentido.”

“Enquanto material renovável, reutilizável e reciclável, a madeira só cumpre a sua função plena no quadro de uma bioeconomia circular quando se garante a sua ‘circularidade’ em cadeias de valor que cumprem o princípio da utilização em cascata. Só deve ter como destino final a queima a madeira que não pode ter utilização em produtos de maior valor acrescentado”, refere João Gonçalves. No atual enquadramento legal – que o Centro PINUS considera incoerente – essa queima é permitida. “Uma vez queimada, a matéria-prima não pode ser reparada, reutilizada, nem contribuir para uma descarbonização, sob a forma de produtos que são armazenadores de carbono, ajudando assim a atenuar as emissões de CO₂. A par disso, este défice vai, inevitavelmente, gerar enormes pressões no mercado da rolaria, dos subprodutos de madeira e da madeira reciclada, contrariando as práticas de economia circular e de uso em cascata.”

1,7 mil milhões em exportações, 58 mil postos de trabalho

As exportações da fileira do pinho totalizaram 1725 milhões de euros em 2020, o que representa 3.2% do total das exportações de bens. A principal subfileira é a do mobiliário, seguindo-se a madeira, o papel e embalagem e os painéis derivados de madeira.

A fileira do pinho possui uma elevada relevância em termos de emprego industrial, representando 57843 postos de trabalho, muitos localizados no interior do País, contribuindo para a fixação e rendimento das populações.

O setor industrial da fileira do pinho possui uma enorme diversidade de mercados, produtos e agentes, numa cadeia de valor extensa e com elevadas relações de interdependência através de transações comerciais de produtos e subprodutos, num claro exemplo de economia circular. Este elevado grau de interdependência verifica-se entre as indústrias da serração, mobiliário, painéis e papel kraft.

Sobre o Centro PINUS

O Centro PINUS é uma associação para a Valorização da Floresta de Pinho - existe desde 1998 com o objetivo de promover a importância ambiental, social e económica do pinheiro-bravo na floresta portuguesa. Esta associação sem fins lucrativos reúne os principais intervenientes da Fileira do Pinho, incluindo representantes da produção florestal, dos prestadores de serviços, das indústrias, da administração pública, do ensino superior e do setor financeiro. Para mais informações visite www.centropinus.org